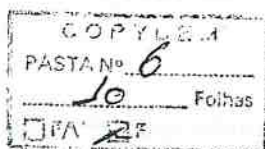


ATUALIDADES PEDAGÓGICAS

Volume 133

Direção de

J. B. DAMASCO PENNA



A relação dos livros de
"ATUALIDADES PEDAGÓGICAS"
está no fim deste volume.

JEAN CHÂTEAU

Professor de Psicologia e Pedagogia
na Universidade de Bordéus
e Diretor do Instituto de Estudos
Psicológicos e Psicossociais
dessa Universidade

e
colaboradores

OS GRANDES PEDAGOGISTAS

Tradução e notas
de

LUIZ DAMASCO PENNA

e

J. B. DAMASCO PENNA

Nota preliminar
de

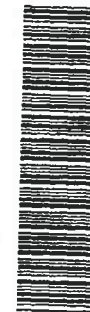
J. B. DAMASCO PENNA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

DEDALUS - Acervo - FE

Grandes pedagogistas /



20500029029

37(092)
C492g
e.2

M 19755

VIAL, *La doctrine d'éducation de J.-J. Rousseau*, Delagrave, 1920 (*).

A. RAVIER, *L'éducation de l'homme nouveau*, Lyon, Bosc, 1941, 2 vols. (o primeiro sobre o estudo histórico do *Émile*, o segundo sobre a doutrina do *Émile*).

KEVORKIAN, *L'Émile de Rousseau et l'Émile des écoles normales*. Delachaux & Niestlé.

E o excelente capítulo sobre o *Émile* na obra citada de BURGELIN.

Jean CHÂTEAU, *Jean-Jacques Rousseau, sa philosophie de l'éducation*, Vrin, 1962, p. 254.

Nos estudos brasileiros de história da pedagogia alinha-se um sobre ROUSSEAU: Ruy de AYRES BELLO, "Rousseau", no livro *Grandes educadores*, já citado, numa destas nossas notas, na bibliografia sobre PLATÃO. (Nota dos trads.)

cadô na *Revue de Métaphysique et de Morale*, de Paris, em maio de 1912, número consagrado ao bicentenário do nascimento do filósofo) está entre p. 69 e p. 97 da edição brasileira. (Nota dos trads.)

(*) O livro de Francisque VIAL foi posto em espanhol, há já também muito tempo: *La doctrina educativa de J.-J. Rousseau*, trad. de Jesús Sanz, vol. 278 da seção II (Educação) da Colección Labor, Editorial Labor, Barcelona-Buenos Aires, 1931. (Nota dos trads.)

VIII

HENRIQUE PESTALOZZI

(1746-1827)

Quando uma idéia simples ganha corpo, há uma revolução.

(Ch. Pécuy)

Quando do primeiro centenário da morte de Pestalozzi⁽¹⁾, Édouard Claparède teve a curiosidade de contar o número de linhas, ou de páginas, consagradas a catorze pedagogistas modernos (de Erasmo a Herbart) pelos autores das três grandes enciclopédias pedagógicas (Buisson, Rein e Monroe) e de quatro histórias gerais da pedagogia, aparecidas entre 1910 e 1920; verificou que, nessa espécie de concurso, Pestalozzi era cinco vezes, disparado, o pri-

(1) Henrique PESTALOZZI, nascido em 12 de janeiro de 1746, instala-se em Neuhoof em 1771. De 1780 a 1798, atividade literária: *Léonard et Gertrude*; primeira parte, 1781; segunda, 1783; terceira, 1785; quarta, 1787. Em 26 de agosto de 1792, Pestalozzi, cidadão francês. *Mes investigations sur la marche de la nature dans le développement du genre humain*, 1797. De 7 de dezembro de 1798 a 8 de junho de 1799: A "loucura" de Stans. 1799-1800: Pestalozzi, professor primário, em Berthoud. Outubro de 1800: abertura do Instituto de Berthoud, transferido em 1804 para Münchenbuchsee, depois para Yverdon. 1801: *Comment Gertrude instruit ses enfants*. 1805-1825: Pestalozzi, chefe de Instituto, em Yverdon. 1808: Barraud abre a escola pestalozziana de Bergerac. 1816: M. A. Jullien leva para Yverdon 24 jovens franceses. 1817-1822: o inglês Greaves em Yverdon. 13 de setembro de 1818: inauguração da "casa dos pobres" de Clindy. 2 de março de 1825: Pestalozzi volta para Neuhoof, ali publica *Le chant du cygne. Mes destinées* e morre em 17 de fevereiro de 1827.

meiro, e sua cota era quase o dobro da de Rousseau, que o seguia imediatamente.

É o veredito dos pedagogistas; o do homem da rua seria ainda mais decisivo. De todos os educadores e filósofos da educação, Pestalozzi é, provavelmente, o único conhecido nos cinco continentes, o único que haja chegado à grandeza mítica de um Beethoven: o gênio pedagógico.

É considerado, comumente, como o reformador, ou o promotor da escola popular. Não é falso; mas é insuficiente. Para empregar uma palavra que lhe cai freqüentemente da pena, Pestalozzi é uma força original da natureza ou, antes, da sobrenatureza. Desempenhou, em seu tempo, e para além dos limites de seu país, papel de primeira plana; e não seria possível escrever a história da civilização na Europa ocidental, no fim do século XVIII e no começo do século XIX, sem evocar-lhe os escritos e as ações. Aliás, bom número de instituições das mais atuais, e não somente a escola primária, procede diretamente da ação que exerceu.

Se a didática de Pestalozzi (a forma, o número e o nome) já não apresenta, hoje, senão interesse histórico, suas idéias sobre o fim e a operação da educação: paradoxos, tiradas, apóstrofes, efusões, como lava, continuam incandescentes, sob leve camada de escória. E é nesse braseiro que se aviva, ainda hoje, a flama que, em milhares de corações, eleva o ofício de educador, ou de reeducador, à dignidade de um serviço de Deus na pessoa da criança.

Da fervente adolescência à rija velhice, Pestalozzi jamais cessou de procurar o melhor. A cada "descobrimento", o entusiasmo se alça; e é, cada vez, "o fundamento ou a chave de abóbada de todo edifício"! Ora quer "mecanizar" a instrução, para que toda mãe possa dá-la aos filhos; ora, "psicologizá-la", defini-la em resposta às necessidades de crescimento da criança. Parece-lhe, por vezes, aliás, que seja a mesma coisa. Ora adjura o educador a conformar-se com a "marcha sublime da natureza", ora declara que a educação deve fazer do homem "algo de inteiramente diverso daquilo que ele é por natureza".

Que importam, porém, essas flutuações? Esses descobrimentos são daqueles que todo educador deve refazer por sua conta: primazia do saber-fazer sobre o saber, da educação sobre a instrução, ou do ser sobre o ter; maldição de um saber puramente verbal; virtude insubstituível da educação que a criancinha recebe no regaço materno, depois, no santuário do "quarto de família"; a arte do educador que não é senão a arte do jardineiro; educação

integral, a formar o coração, a cabeça e a mão; a intuição, fundamento de todo conhecimento, e a educação, a arte de conduzir a criança de intuições superficiais e fragmentárias a intuições sempre mais claras e distintas; a educação moral, enfim, obra de amor e de fé, a despertar na criança o respeito e o amor à ordem estabelecida pelo Criador.

Pestalozzi se dirige a seus contemporâneos... não, não é isso, é a nós que ele se dirige! Conjurando-nos a procurar o remédio para os males de que sofre o mundo somente onde esse remédio está: na restauração, em todos, dessa humanidade, que é a vocação de cada homem e a razão de ser, ou o fim, da Criação: "Reconhecer, manter e promover em cada ser a dignidade da pessoa, aí está toda a educação da humanidade".

Tal o tema da cruzada que ele prega incansavelmente. Cumpra floresça em todos a pessoa! A pessoa em função da qual deve organizar-se a vida política, e que o progresso material deve servir e, não, sujeitar. Primado, pois, da educação! Mas quando diz educação, não pensa, antes de tudo, na escola! Certamente, a escola lhe parece constituir momento essencial da educação para a humanidade, ajudando a criança a enriquecer sua experiência da vida pessoal e comunitária, num quadro mais largo que o da família, e mais homogêneo que o da Cidade. Entretanto, aquela das potências informativas da qual nada lhe parecia poder substituir a "bênção", é a família, esse "senso paternal" e esse "amor maternal", que lhe inspiraram as páginas mais líricas.

Cumpra, pois, primeiro, seja a sociedade organizada de tal modo que a família possa preencher sempre melhor essa indispensável função (em Pestalozzi, o sociólogo não se separa do pedagogo). Pois, com o benefício dessa educação fundamental, e da educação da escola, a criança lhe parecia apta (mas somente então) a receber o ensino da vida, essa educação progressiva, ao contato dos homens e das coisas, pela virtude, sobretudo, do trabalho cotidiano. "É a vida que cultiva." Mas, de novo, sob a condição de que a organização social lhe permita manifestar plenamente sua virtude informadora. Pestalozzi concebia, assim, a educação escolar como complemento da educação doméstica, e preparação para a educação pela vida.

É mediante a ação sinérgica desses três poderes, a obrar no mesmo espírito e no mesmo sentido, que a pessoa pode formar-se como indivíduo. Pestalozzi se situa, assim, na linha dos personalistas: Renouvier, Vinet e Charles Secrétan e, ontem, Emmanuel Mounier; mas, juntando a prática à teoria, quis demonstrar *por atos* o valor dessa maneira de ver. Esse propósito é que dele

fez, bem de começo, o pai dos órfãos em Neuhof e em Stans; depois, em Berthoud e em Yverdon, o precursor da educação nova. Seja qual for a atualidade conservada por seus escritos, é, com efeito, antes de tudo a seus atos que esse gênio intuitivo deve o haver obtido a mais alta consagração: a gratidão de incontáveis seres humanos, que sentem, confusamente, dever-lhe aquilo que têm de humanidade.

Ele estava em Neuhof havia cerca de três anos, quando, no correr do inverno de 1774-1775, "engajou-se" pela primeira vez. Conturbado pela degradação física e moral das crianças que via errar pelos caminhos, mendigando e gatunando; revoltado pela dureza dos camponeses para com as crianças recolhidas em sua casa; e não podendo admitir que os valores preciosos que vislumbrava nesses deserdados, ou nesses transviados, estivessem de uma vez perdidos para a sociedade e para Deus, Pestalozzi acolhe uns quinze deles em sua casa, logo mais uns quarenta. Propunha-se, com reeducá-los, dar-lhes conhecimentos indispensáveis e ensinar-lhes um ofício do qual pudessem viver. Essa íntima união entre formação geral e formação profissional constitui o primeiro dos "descobrimientos" de Pestalozzi. Ele esperava que a casa tomasse rumo graças ao trabalho de "seus" filhos, mas, logo, logo, encontrou-se às voltas com graves dificuldades materiais. Nota, entretanto, em seus canhenhos, que o fato lhe deu razão: "Crianças imbecis que, criadas duramente, teriam acabado numa casa de alienados, podem, graças a cuidados afetuosos, apropriados à sua fraqueza, ser salvas dessa miséria, adquirir modesto ganha-pão, e bastar-se a si mesmas".

E, numa "Oração aos amigos da humanidade", por que se dignassem de amparar-lhe a obra (oração que seu amigo Iselin fez aparecer em 1776, em suas *Ephémérides de l'humanité*), declara: "É, para mim, matéria de experiência que crianças que perderam a saúde, as forças e a coragem numa vida de calaçar e de mendicidade, desde que sujeitos a trabalho regular, recobram prontamente a alegria, o entusiasmo, o bom aspecto, e se desenvolvem de maneira espantosa, só pela mudança da situação, ao abrigo das circunstâncias que as haviam depravado. É, para mim, matéria de experiência que, da abjeção da mais profunda miséria, elevam-se mui rapidamente a sentimentos de humanidade, de confiança e de benevolência; que a afeição testemunhada ao ser mais degradado o eleva a uma vida superior e que os olhos da criança abandonada brilham de espanto feliz e reconhecido, quando, após anos de miséria, mão doce e amiga se oferece para

guiá-la". Coisa que verificam todos quantos se consagram, hoje, à reeducação dessas crianças, que a dureza e a obtusidade dos poderes públicos, do tempo de Pestalozzi e de ontem ainda, condenavam, por força de um regime puramente repressivo, à prostituição ou à delinquência crônica.

Pestalozzi, contudo, não recebe apoio algum do Estado; e, em 1780, essa primeira tentativa acaba em falência. Foi uma derrocada. Pestalozzi não podia, porém, abandonar a tarefa a ele imposta. Recorre ao único meio de ação que lhe restava: escrever. Seus escritos são, pois, ações. Não analisarei senão duas dessas obras, embora todas contenham opiniões sociológicas, ou pedagógicas, do mais alto interesse.

Seu romance popular, primeiro, *Leonardo e Gertrudes*, cuja primeira parte foi traduzida duas vezes para o francês (por Pajon de Moncets, depois pela baronesa de Guimps). Trata-se de uma família salva pela retidão e pela energia de uma mulher, Gertrudes, apoiada pelo senhor de Bonnal, Arner e pelo pastor Ernst. A parte mais interessante, para nós, é a terceira. (Pestalozzi se havia, então, filiado à ordem secreta dos Iluminados.)

Intervêm novos personagens: Meyer, dono de uma fábrica, representante do trabalho industrial e da economia, que deve levar abastança à cabana do pobre, e o tenente Glüphi. É Meyer quem declara ao senhor: "Parece-me que, com tudo quanto podeis fazer, não alcançareis, entretanto, vosso fim, a menos que suprimais a escola, ou a reformeis completamente". Substitui-se, pois, o professor pelo tenente Glüphi, o qual encarrega Gertrudes de organizar a classe. Pois a escola não vale senão na medida em que se inspira na vida familiar: "Glüphi pediu a Gertrudes que ordenasse as crianças como se estivesse em casa. Ela as separou segundo a idade e o trabalho, segundo se acomodassem umas com as outras; dispôs entre elas os próprios filhos e os de Rudi, já acostumados com seu modo de fazer".

Reencontramos o espírito de Neuhof: "Não quero nada ter que ver," declara Glüphi (capítulo LXX), "com a *lengalenga* dos mestres de meninos, essa loquacidade que faz virar os miolos e estraga a razão". Vemos, pois, como, a seu exemplo, as crianças se tornam ordenadas, pontuais, asseadas, obedientes, assíduas ao trabalho. "Ao mesmo tempo que se ocupava do coração de suas crianças, o tenente se ocupava também de sua cabeça: queria que o que aí entrasse fosse tão claro e visível como a lua cheia no céu [...]. Ver bem e ouvir bem é o primeiro passo para a sabedoria, e o cálculo é o fio condutor que nos preserva do erro na busca da verdade."

Glüphi-Pestalozzi chega a arrastar o pastor em sua campanha contra a *lengalenga*: este renuncia a pregar e a fazer as crianças aprender o catecismo: “Vejo cada dia mais claramente que não é bom para o homem martirizar a cabeça para nela fazer entrar tanto *por quê* e *porquê*.” Vale mostrar que, na obra de reforma social, o clero não deve mais desempenhar senão papel auxiliar; que deve deixar dormir o dogma e não mais ensinar senão a moral.

A religião de Pestalozzi é a de Mareili, a irmã de Meyer: “Há muitas coisas no mundo que são do próprio Deus e que nos dizem bem claramente o que Deus quer de nós. Tenho o sol, a lua, as estrelas, as flores do jardim e os frutos dos campos — e, depois, meu próprio coração, e tudo que me cerca; será que isso não me diz, melhor do que o fariam todos os homens, que é a palavra de Deus e o que ele espera de mim?”

Por outro lado, o humanismo de Pestalozzi se exprime ingenuamente nestas linhas do capítulo XLVIII: “O sol se deitava e a água espelhante do sinuoso ribeiro brilhava até as montanhas azuis [...]. Arner contemplou um momento, sem falar, o ribeiro e o valado. “Ah! todos os homens são feios! disse, enfim; seja lá o que for que se possa fazer por eles, jamais igualarão em beleza esta simples paisagem.” [...] — “Enganai-vos”, respondeu o tenente; e nesse próprio momento um pastorzinho apareceu abaixo do rochedo no qual se achavam, levando uma cabra por diante. Parou a seus pés, olhando o pôr-do-sol e apoiado no bastão, pôs-se a cantar. Então, montanhas e valado, ribeiro e sol desapareceram a seus olhos. Não viram mais que o pastorzinho, vestido de seus farrapos; e Arner disse: “Eu não tinha razão, a beleza do homem é a maior das belezas da terra”.

Na quarta parte, a palavra é do legislador: a ordem estabelecida em Bonnal é estendida, pelo soberano, ao país inteiro. Pestalozzi confirma a relação que assinalamos entre Glüphi e ele próprio, pelo título dado ao capítulo XLI e por estas linhas da dedicatória a F. Battier: “Tudo de que falo, vi. E grande parte do que aconselho, fiz. Renunciei aos prazeres da vida para consagrar-me à minha tentativa de educação do povo; e aprendi a conhecer-lhe a verdadeira situação e os meios de mudá-la [...] como ninguém, talvez, o tenha feito”.

Durante esses anos, Pestalozzi mantém correspondência ativa com Zinzendorf, ministro de José II, e com Leopoldo de Toscana que, em 1790, sucederá a José II. Oferece-lhe seus serviços... mas a Revolução Francesa havia estalado! Pestalozzi volta-se, então, para a França, que acabava de conferir-lhe o título de cida-

dão francês, ao mesmo tempo que a Priestley, Campe, Washington, Klopstock, Kosciuszko, Schiller... Leva a sério a nova cidadania; anuncia: “Estou decidido a escrever para a França sobre diversas partes da legislação”. Essa obra (datada de fevereiro de 1793) foi publicada, mais tarde, sob o título de *Oui ou Non, déclaration sur le sentiment politique de l'Humanité européenne, par un homme libre*. Aí é que se lê: “Ou a Europa recairá na barbárie pelo despotismo, ou os gabinetes deverão conceder lealmente o que há de legítimo nas aspirações do homem à liberdade”.

A segunda obra que analisarei sumariamente é intitulada: *Minhas investigações sobre a marcha da natureza no desenvolvimento do gênero humano* (1797, reimpressa em 1821). Sob a influência de Fichte, que morava então em Zurique, aí expõe sua antropologia. Encara o homem como ser animal, como ser social e como pessoa autônoma: “Como produto da natureza, sinto-me livre de fazer o que me agrada, e no direito de fazer o que me é útil”.

“Como produto da sociedade, sinto-me obrigado e ligado por meio de relações e contratos, os quais me impõem certos deveres.”

“Como produto de meu próprio eu, sinto-me independente do egoísmo de minha natureza animal e dos laços de minhas relações sociais, tendo, a um tempo, o direito e o dever de fazer o que me enobrece e o que é vantajoso para meus semelhantes.”

“Tenho, pois, em mim, uma verdade animal, isto é, a faculdade de considerar todas as coisas do mundo do ponto de vista dum animal, que não existe senão por si mesmo.”

“Tenho uma verdade social, isto é, a faculdade de considerar todas as coisas deste mundo do ponto de vista de uma criatura ligada aos semelhantes por um contrato social.”

“Tenho uma verdade moral, isto é, a faculdade de considerar todas as coisas desse mundo independentemente de minhas necessidades animais e de minhas relações sociais, no único ponto de vista daquilo que pode contribuir para meu enobrecimento interior.”

E conclui: “Aperfeiço-me a mim mesmo, quando faço, daquilo que *devo*, a lei do que *quero*”.

Do profundo desânimo atestado pela última página de suas *Investigações*, passa Pestalozzi para um entusiasmo delirante (“Apago a vergonha de minha vida; a virtude de minha juventude está renovada”) quando em 1798 o Diretório o envia a Stans,

onde a guerra havia feito incontáveis órfãos. Depois da loucura de Neuhof, a loucura de Stans! As crianças, de que ele devia ser o pai, estavam “magras como esqueletos, lívidas, o olhar ansioso, a fronte vincada pela desconfiança e pela preocupação; algumas, impudentes, já habituadas à mendicância e à hipocrisia; outras, esmagadas pela desgraça, desconfiadas, temerosas e sem qualquer sentimento afetivo”. Cinco semanas não eram passadas e já o comissário Truttmann podia escrever ao ministro Rengger: “O orfanato vai bem. Pai Pestalozzi — era assim que ele se fazia chamar — trabalha dia e noite com ardor incrível. Há 62 crianças que trabalham e comem na casa [...]. É maravilhoso ver o que faz esse excelente homem, e os progressos já conseguidos em tão pouco tempo pelos alunos, todos cheios do desejo de aprender”.

Como Pestalozzi se arranjou para reanimar, nesses miseráveis restos de humanidade, sentimentos e comportamento humanos? Confia-nos o segredo na Carta a um amigo sobre sua atividade em Stans (*Stanserbrief*): “Confiante nas forças da natureza humana, que Deus concedeu às crianças, ainda às mais pobres e às mais esquecidas, aprendera, de há muito, por minhas próprias experiências, que sob sua grosseria, sua selvageria, sua incapacidade aparentes, se escondiam, prontas para surgir, as mais preciosas forças e faculdades. [...] Cumpria, antes de tudo, que minhas crianças pudessem ler, desde a aurora da manhã até tarde da noite, na minha frente e nos meus lábios, que meu coração lhes pertencia, que sua felicidade era a minha felicidade e, seus prazeres, meus prazeres”.

É ao fato de que essas crianças recebiam dele, não apenas o ensino, mas os cuidados mais continuados, que ele atribui o êxito de sua “loucura”: “Estava sozinho com elas de manhã à noite. Era de minha mão que recebiam tudo quanto o reclamavam seu corpo e sua alma. Todo socorro, toda consolação, toda instrução lhes vinha imediatamente de mim. Sua mão estava em minha mão; meus olhos não desfitavam seus olhos. Minhas lágrimas corriam com suas lágrimas e eu sorria com elas. Estavam fora do mundo, estavam fora de Stans; estavam comigo e eu estava com elas”.

Novamente as circunstâncias são contra ele; o convento arranjado para receber “suas” crianças é transformado em hospital militar. Nova derrocada. Mas novo ressurgimento! Pestalozzi pede para fazer, numa escola pública, a experiência de seu método elementar. O governo lhe concede uma classe em Berthoud.

“Lá”, conta em *Como Gertrudes instrui seus filhos*, “me pus a berrar o *a b c* da manhã à noite e a retomar, sem plano algum, a marcha empírica que havia tido de interromper em Stans. Acumulava sem me cansar combinações silábicas [...], procurava simplificar o mais possível os elementos da soletração e do cálculo, e apresentá-los sob formas apropriadas às leis da psicologia...” É esse método que expõe, em 1801, na obra da qual acabamos de citar o título, depois que as autoridades escolares houvessem verificado seu êxito, nestes termos: “Nessa idade de 5 a 8 anos, na qual as crianças, submetidas à tortura do antigo método, aprendiam a conhecer as letras, a soletrar e a ler, vossos alunos não apenas cumpriram essa tarefa com grau de perfeição desconhecida até o presente, mas os mais hábeis dentre eles já se distinguem como calígrafos, desenhistas e calculadores. Em todos, soubestes despertar e cultivar o gosto da história, da história natural, da medição, da geografia, etc., de tal sorte que seus futuros professores primários, se souberem aproveitar com inteligência essa preparação, verão seu trabalho grandemente facilitado...”

Pode-se dizer que nesse momento as idéias que deviam revolucionar a educação são firmadas no espírito de Pestalozzi. A última parte de sua vida será consagrada a aplicá-las. É, pois, o momento de resumi-las. É difícil apresentar a posição pedagógica de Pestalozzi *magistri verbis*: é prolixo (como Péguy) e obscuro; mas lampejos faiscantes brilham nessas trevas. Transcrevo algumas linhas do *Canto do cisne*, seu último escrito, no qual suas idéias se apresentam amadurecidas e decantadas:

“A idéia da educação elementar (que é, também, a educação para a humanidade) nada mais é que o propósito de conformar-se com a natureza para desenvolver e cultivar as disposições e as faculdades da raça humana [...]. Segue-se naturalmente que a idéia da educação elementar deve ser encarada como a idéia do desenvolvimento e da cultura das faculdades e das disposições do coração, do espírito e do poder do homem, conforme à natureza [...]. Todos os meios aos quais recorreremos para desenvolver, conforme à natureza, as faculdades e as disposições de nossa espécie, supõem, se não reconhecimento claro, ao menos sentimento interior vivo, da ordem seguida pela própria natureza no desenvolvimento e na cultura de nossas faculdades.”

“[...] Só o que alcança o homem na integridade de sua natureza, isto é, seu coração, seu espírito e sua mão a um tempo,

só isso tem valor, só isso é apropriado a cultivá-lo efetivamente, verdadeiramente e conforme à natureza [...]. A educação verdadeira, a educação segundo a natureza, conduz por sua essência a aspirar à perfeição, a tender à realização das faculdades humanas [...]. Todo realce exclusivo atribuído à educação de nossas faculdades nos leva a enganar-nos por pretensões sem fundamento [...] isso é verdade do amor e da fé, tanto quanto das faculdades mentais, técnicas e profissionais de nossa raça [...]. Cada uma dessas faculdades se desenvolve segundo leis eternas imutáveis; e seu desdobramento não é conforme à natureza senão na medida em que concorda com as leis eternas de nossa própria natureza.”

“[...] O homem não desenvolve o germe de sua vida moral, o amor e a fé, senão pelo próprio ato de amar e de crer segundo a natureza. Igualmente, o homem não desenvolve o germe de sua faculdade mental, de seu pensamento, senão pelo próprio ato de pensar segundo a natureza. E, da mesma maneira, desenvolve o germe de suas faculdades técnicas e profissionais, seus sentidos, seus órgãos, seus membros, apenas pelo fato de servir-se deles segundo a natureza.”

Depois de haver indicado, mediante alguns exemplos, como a vida física, mental e afetiva da criança se atrofia quando não encontra no meio os estímulos indispensáveis, conclui Pestalozzi: “Precisada, a idéia da educação elementar não é, assim, senão o resultado dos esforços da humanidade para fornecer, ao curso seguido pela natureza no desenvolvimento e na cultura de nossas disposições e de nossas faculdades, o apoio que um amor esclarecido, uma razão cultivada, uma arte refinada podem dar à nossa raça”.

Assim, um século antes do nascimento da psicologia da criança, Pestalozzi havia encontrado, intuitivamente, as posições características da educação nova. Pensamos, ao lê-lo, na Sra. Montessori e em Cousinet, reduzindo a educação a não ser mais que uma higiene. Encontrar-se-ão, na mesma obra, observações igualmente penetrantes sobre o meio dessa educação; por exemplo, isto: “Seja qual for a causa, onde a carícia da mão de uma mãe e o sorriso de seus olhos faltem a uma criança, o sorriso e a graça que lhe são naturais num estado de calma, tampouco lhe brotarão no olhar e na boca [...]. Mas o fato de cumular a criança de gozos sensíveis dos quais [...] não sente em si a necessidade, isso também compromete o benefício e a tranqüilidade sagrada na qual se desenvolvem, conforme à natureza, os germes do amor e da confiança; isso também produz os males de uma

inquietação física, com suas conseqüências de desconfiança e de violência [...]. Mãe esclarecida e sensata vive para o filho, a serviço do amor que lhe dedica, não, porém, a serviço de seus caprichos, nem de seu egoísmo, excitado e avivado pelo que há, nele, de animal”.

Isso se encontra, sabemos-lo, em Rousseau; não, porém, com a mesma profundidade. Pode-se dizer, aliás, que a psicologia moderna confirmou experimentalmente a afirmação cardeal de Pestalozzi: o papel da mãe e, secundariamente, o do pai, no desenvolvimento da criança, assim como a virtude educativa das famílias numerosas. Sabe-se hoje quanto o destino afetivo e social de um ser humano depende (para nada dizer da fase intra-uterina de sua existência) das relações, inextricavelmente físicas e psíquicas, estabelecidas entre a mãe e ele; e como sua atitude a respeito de seus semelhantes é condicionada por suas relações com o pai e os outros membros do meio familiar. Na perspectiva dos trabalhos mais recentes dos psicólogos e dos psicanalistas, não serão essas linhas de Pestalozzi — e poderíamos citar centenas de outras, extraídas, em particular, das 34 cartas dirigidas (1818-19) a James Pierpoint Greaves — de flagrante atualidade?

“A criança no seio materno”, notava ele, já em 1782, “é mais dependente e mais frágil que qualquer outra criatura da terra, mas é aí que sente as primeiras impressões morais do amor e do reconhecimento. A moralidade do homem não é senão o resultado do desenvolvimento dos primeiros sentimentos de amor e de reconhecimento experimentados pelo lactente.”

Cerca de vinte anos mais tarde, desenvolve essa maneira de ver fundamental em *Como Gertrudes instrui seus filhos*: “Pergunto a mim mesmo como vim a ter, com respeito aos homens, amor, confiança, reconhecimento e obediência; como apareceram, em minha natureza, os sentimentos nos quais repousam essencialmente o amor, a gratidão e a confiança para com os homens, e as ações pelas quais se forma a obediência humana. E acho que tem, antes de tudo, por ponto de partida, as relações existentes entre a criança e sua mãe [...]. A criança é cuidada, está alegre. O germe do amor está desenvolvido nela”.

“Mas eis, ante seus olhos, um objeto que nunca viu. Espantasse, tem medo, chora. Sua mãe a aperta mais forte contra o seio, brinca com ela, e a distrai. Seus prantos findam [...]. O objeto reaparece [...]. A mãe retoma o filho nos braços protetores e lhe ri novamente. Agora já não chora, responde ao sorriso de sua mãe com olhar feliz, sem nuvens. O germe da confiança está desenvolvido nela.”

"A cada uma de suas necessidades, sua mãe se apressa junto de seu berço. Lá está na hora da fome, dá-lhe de beber na hora da sede. Quando lhe ouve os passos, cala-se. Quando a vê, estende-lhe a mão [...]. Sua mãe, e contentar-se, são, para ela, um só e mesmo pensamento: agradece."

"Os germes do amor, da confiança, da gratidão não tardam em desenvolver-se. A criança conhece o passo da mãe, sorri à sua sombra; se alguém se parece com ela, ama esse alguém; criatura que se assemelhe à sua mãe é criatura boa. Sorri à forma de sua mãe, sorri à forma humana; a quem sua mãe ama, ela também ama; a quem sua mãe estreita, ela também estreita [...]. O germe da humanidade, o germe do amor fraterno está desenvolvido nela."

"[...] O desenvolvimento do gênero humano tem ponto de partida num desejo violento de satisfazer as necessidades dos sentidos. O seio materno aplaca a primeira tempestade do desejo sensual e engendra o amor [...]. É, agora, sua mãe que se mostra inflexível a seus desejos desordenados; a criança se debate e grita; ela continua inflexível: a criança deixa de gritar, habituase a submeter sua vontade à vontade da mãe; os primeiros germes da paciência, os primeiros germes da obediência brotaram."

"Obediência e amor, reconhecimento e confiança reunidos fazem desabrochar o primeiro germe da consciência, o primeiro lampejo do sentimento de que não é certo debater-se contra uma mãe amorosa, o primeiro lampejo do sentimento de que sua mãe não está no mundo apenas para ela, criança; o primeiro lampejo do sentimento de que tudo neste mundo não está apenas para ela; e, com esse sentimento, germina, ainda, esse segundo sentimento de que ela tampouco está neste mundo apenas para si mesma; o primeiro lampejo do dever e do direito está prestes a desabrochar."

"[...] Os sentimentos de amor, de reconhecimento, de confiança, que brotavam no seio materno, alargam-se e abraçam; doravante, Deus como pai, Deus como mãe [...]. A criança, que doravante crê no olhar de Deus, como no olhar de sua mãe, faz agora o bem por amor a Deus, como o fazia até aqui por sua mãe."

As mesmas análises no *Canto do cisne*: "A criança crê na palavra do amor divino, do qual aprende a reconhecer o espírito nos atos e gestos de sua mãe. É assim que o filho do homem se eleva, conduzido pela mão de sua mãe, conforme à natureza, da fé instintiva e do amor instintivo ao amor humano e à fé

humana, e destes passa para a pura inteligência da verdadeira fé cristã e do verdadeiro amor cristão".

Não caberia contar, aqui, a história dos institutos pestalozzianos, nem, até, a do Instituto de Yverdon. Contentemo-nos com lembrar que a um período em que a grande maioria dos estagiários eram alemães, seguiu-se um período francês, mais ou menos contemporâneo dos anos em que o inglês Greaves se iniciava, em Yverdon, no método pestalozziano e para lá atraía uma "invasão" inglesa (1817-1822). E, de preferência, caracterizemos o espírito dessas duas casas.

O Instituto de Berthoud, depois, mais completamente, o de Yverdon, constituem, com efeito, um dos primeiros ensaios coerentes dessa educação integral (informação da pessoa inteira para a vida e pela vida) que se encontra reclamado em vários dos projetos que apareceram sob a Legislativa e a Convenção, depois de já esboçado por Vittorino da Feltre, em sua *Casa gioiosa*. Essa última aproximação se impôs ao autor da descrição mais extensa e mais perspicaz que possuímos do Instituto de Yverdon, Marc-Antoine Jullien: "Dir-se-ia que o Instituto fundado na Suíça por Pestalozzi não passa de fiel imitação da Casa Alegre que existia em Mântua [...]. Um belo lago, cujas bordas são plantadas de longas alamedas de choupos, apresenta, a um tempo, banhos cômodos e seguros para as crianças, e lugares favoráveis para formá-las no exercício da natação. Ar puro e sítios variados, que se multiplicam nos campos dos arredores, juntam-se às vantagens e aos atrativos dessa paragem deliciosa".

A semelhança, porém, não fica nisso. O Instituto de Yverdon correspondia, como a Casa Alegre, e como, mais tarde Abbotsholme, ou Les Roches (*), à nossa concepção de uma escola nova. Pela preocupação da higiene e do desenvolvimento corporal, concepção "instrumental" da instrução, e educação moral fundada na disciplina do trabalho e na vida em comum. Poder-se-ia, também, dizer que esse Instituto (que chegou a ter até 250 alunos, e comportava, além do internato de rapazes e do internato de moças, uma escola normal, na qual os estagiários eram quase tão numerosos como os mestres) constituía aquilo que chamamos, hoje, de escola experimental, na qual se ensaiavam processos pedagógicos novos para aperfeiçoar continuamente o método.

(* *Abbotsholme* é o lugar de famosa "escola nova", fundada em 1889 por Cecil REDDIE (1858-1932). Quanto a *Les Roches*, é o lugar da escola fundada por Edmond DEMOLINS (1852-1907); em França, V., a respeito da obra desses educadores: Paul FOULQUIÉ, *As escolas novas*, trad. port. de Luiz Damasco Penna, vol. 55 destas "Atualidades Pedagógicas", São Paulo, 1952. (Nota dos trads.)

Dispensava-se grande atenção à higiene; a vida era rude, mas sadia: de manhã, ducha e cultura física; nos recreios, jogos de grandes movimentos nos quais os mestres tomavam parte. Louis Vuillemin evoca, em seus *Souvenirs*, essas partidas de barra que, começadas no pátio do castelo, acabavam, muita vez, nos gramados que cercam o caminho detrás do lago. A ginástica era objeto de ensino metódico: exercitavam-se sucessivamente todos os membros e todos os movimentos; cuidava-se, também, da postura dos alunos em classe. Os trabalhos manuais ocupavam grande parte do dia do escolar em Yverdon; ele desenhava, corria o campo para fazer coleções: alguns cultivavam pequenos jardins pessoais, fabricavam objetos, ou pequenos móveis para seu uso. As moças confeccionavam elas mesmas seus vestidos, seus toucados, caixas de palha, ou se entregavam à cozinha ou à economia doméstica. Temos, nas recordações de antigos alunos, em particular Roger de Guimps, descrições encantadoras de excursões de um dia inteiro. Durante o verão, grupos menos numerosos faziam, na Suíça primitiva, viagens à Toepffer (*). Como nota Jullien, "sua força física se tornava, pelo senso íntimo dos recursos que tinham em si mesmos, o princípio da intrepidez moral e da verdadeira coragem".

Instrução instrumental, dizíamos: "Em Yverdon", nota ainda Jullien, "a instrução é tratada com o grau de importância que merece; mas prefere-se, de começo, firmar a base, formar o juízo, dispor e fortalecer o instrumento com o qual a gente se instrui [...]. Vários alunos do Instituto, que aí não foram deixados senão poucos anos, saem com fraca provisão de conhecimentos adquiridos, mas com um desenvolvimento real de suas faculdades naturais [...]. O Instituto se ocupa em formar homens, independentemente dos destinos que devam ter no mundo".

Tudo quanto se fazia em Yverdon pela educação física e intelectual dos alunos concorria diretamente para sua educação moral, que era, assim, não um dos artigos do programa, mas o efeito normal do gênero de vida, da disciplina de trabalho e da atmosfera espiritual na qual se banhavam. "Procuramos a disciplina por toda a parte, no Método e no Instituto", observa judiciosamente Jullien; "não a vemos em parte alguma [...]. Está baseada em toda a existência, em todas as ações da criança, em seus estudos, suas relações, suas recreações."

Nos antípodas de Napoleão, que não conhecia senão duas alavancas para mover o homem, a ambição e o temor, Pestalozzi

(*) Alusão às viagens a pé, feitas pelo escritor suíço Rodolf TOEPFFER (1799-1846), com seus alunos, pelas montanhas de seu país. Essas viagens TOEPFFER as registrou no livro *Voyages en zigzag* (1845), obra ilustrada pelo próprio autor, também hábil desenhista. (Nota dos trads.)

fundava toda a educação no respeito e no amor. Respeito de si mesmo, no aluno, e respeito do aluno pelo mestre; amor ao aluno da parte dos mestres, correspondente ao amor que o mestre tinha por seus alunos. Das duas formas de emulação, não se conhecia senão a que consiste em medir-se cada qual consigo mesmo e, não, a que consiste em rivalizar com outrem. Isso parece ter muito particularmente impressionado Mme de Staël, que consagrou ao Instituto de Yverdon a maior parte do capítulo XIX da primeira parte de sua obra *De l'Allemagne*: "É espetáculo atraente e singular esses rostos de crianças cujos traços arredondados, vagos e delicados tomam naturalmente expressão refletida: são atentas por si mesmas e consideram seus estudos como um homem de idade madura se ocuparia dos próprios negócios[...]. Não vêem rivais, nos camaradas, nem juizes, nos mestres".

A consequência dessa educação "liberal" era o que devia ser; e podemos aceitar, admitido certo preconceito, o juízo de Jullien: "Nunca vi temor, embuste, respeito fingido, desconfiança ou desejo de ocultar; mas sempre o abandono da amizade, a mais doce união, a mais inteira confiança, um procedimento nobre, franco e natural, corações abertos". Citemos ainda algumas linhas, do mesmo sentido, de um discurso de Pestalozzi a seus alunos, no primeiro do ano em 1809: "Contra vossas disposições, ou vossos pendores, não sentimos nenhuma animosidade, não usamos nenhuma violência; não inibimos, não queremos senão desenvolver[...]. Longe de nós o pensamento de fazer de vós homens como somos, como são, na maior parte, nossos contemporâneos! Cumpra que, por nossos cuidados, vos torneis homens como quer 'vossa natureza'; os homens reclamados pelo que há de divino, de sagrado em vossa natureza [...]. Minha ação tende a elevar a natureza humana ao que ela tem de mais alto, de mais nobre: a elevá-la pelo amor; e não é senão nessa força sagrada, o amor, que reconheço o instrumento da libertação, no homem, de tudo quanto há nele de divino e de eterno".

"Tal como em si mesmo, enfim, a eternidade o muda" (*), tal o Pestalozzi que nos apresentam a descrição de M.-A. Jullien

(*) No original: "Tel qu'en lui-même, enfin, l'éternité le change", primeiro verso de famoso soneto que MALLARMÉ compôs em homenagem à memória de POE, a quem muito admirava. ("Le tombeau d'Edgar Poe", tal é o nome do soneto.)

MALLARMÉ está longe de ser poeta de interpretação fácil. Reclamava, para a poesia, um envoltório de mistério que ela ainda não possuía: "... desde que há poetas, ainda não foram inventados, para afastamento dos importunos, uma língua imaculada, fórmulas hieráticas cujo estudo árido cegue o profano" (citado por André LAGARDE e Laurent MICHARD, *XIX^e siècle*, vol. V da "Collection Littéraire", Paris, Bordas, ed. de 1975, p.

e as recordações de seus alunos. Podem-se esquecer as contestações, os processos, as dissensões que logo perturbaram a harmonia do Instituto de Yverdon. Resta o testemunho do futuro geógrafo, Karl Ritter: "Essa sociedade de homens fortes, de luta travada com o presente, para abrir caminho a um futuro melhor e que encontram toda a alegria, e a única recompensa, na esperança de elevar a criança à autêntica dignidade do homem..."

Podemos, pois, concluir por essas linhas de Pestalozzi a Laharpe, ingênua verificação do milagre desse destino, longa série de erros e de malogros, a fazer, ao cabo de contas, uma das obras mais válidas e mais duráveis: "Acreditávamos semear um grão para nutrir os infelizes de nossa roda imediata, e plantamos uma árvore cujos galhos se estendem pelo mundo inteiro". E admitir a explicação que ele próprio propunha: "O amor é que fez tudo", esse amor que, no dizer de Fichte, era, nele, a própria vida de sua vida.

Louis MEYLAN

BIBLIOGRAFIA

- Pestalozzi Sämtliche Werke*, herausgegeben von L. W. SEYFFARTH, Liegnitz, 1899-1902 (16 vols.). Edição crítica, inacabada: *Pestalozzi sämtliche Werke*, herausgegeben von Artur BUCHENAU, Eduard SPRANGER, Hans STETTACHER, Berlim e Leipzig, desde 1927 (previstos 24 vols.) — Seleções: *Heinrich Pestalozzi lebendiges Werke*, editado por Adolf HALLER, 4 vols., 1946, Bâle, Birkhäuser. Em trad. franc., Neuchâtel, La Baconnière: *Léonard et Gertrude, Mes investigations...*, e *Le chant du cygne*.
- Pestalozzibibliographie*, von August ISRAEL, Berlim, 1904; continuada por Willibald KLINKE, Berlim, 1923. Quanto à continuação, podemos dirigir-nos ao *Pestalozzianum*, Zurique, Beckenhofstrasse, 31-35. — Iconografia: *Pestalozzi et son temps*, Lausanne, Payot, 1928. — Estudos: *Esprit de la méthode de Pestalozzi*, por M.-A. JULLIEN (2 vols.), Milão, 1812; 2.ª ed., Paris, 1842. — *Histoire de Pestalozzi*, por Roger de GUIMPS, Paris, 1874. Última edição, Lausanne, 1886. — *Pestalozzi*, por J. GUILLAUME, Paris, 1890 (desenvolvimento de sua notícia no *Dictionnaire de pédagogie* de F. BUSSON). — *Pestalozzi et l'éducation populaire*, por PINLOCHE, Paris, 1902. — *Vie de Pestalozzi*, por A. MALCHE, 2.ª ed., Lausanne, 1946. — *Henri Pestalozzi*, por W. LAEDRACH, trad. franc. por Pierre BORCH, Berna, 1946. — *Actualité de Pestalozzi*, por L. MEYLAN, Paris, edição do Scarabée, 1961.

531). Foi-se tornando, pois, fiel a seu programa, cada dia mais hermético. O fragmento citado exprimiria a idéia de que só após a morte é que aparece a verdadeira personalidade. V., a respeito do soneto, algo obscuro, e de sua história, a primorosa edição de MALLARMÉ, *Œuvres complètes*, texto fixado por Henri MONDOR e G. JEAN-AUBRY, "Bibliothèque de la Pléiade", Paris, Gallimard, 1945, pp. 1492-1494. (Nota dos trads.)

IX

GUILHERME DE HUMBOLDT

(1767-1835)

Guilherme de Humboldt, homem de Estado, filósofo e linguísta, irmão mais velho do naturalista Alexandre de Humboldt e, como ele, ligado a Goethe por sólida amizade, foi o organizador mais influente do ensino na Alemanha no século XIX. Apoiando-se na filosofia pós-kantiana e no pensamento histórico, renovou o ideal humanista da Renascença e chegou a fazer dele o próprio princípio da organização do ensino público. A floração científica do século XIX alemão é, em grande parte, devida à sua influência. Mas, ultrapassará sua importância o quadro nacional? Terá dado ao princípio humanista em pedagogia valor capaz de fazer dele objeto de discussão no plano europeu e, mais geralmente, humano? Em todo caso, é esse aspecto geral que ele deu ao ideal de Rousseau; formulou-lhe o princípio de maneira tão intransigente, que aí está o que tem separado os espíritos até hoje. Fez a experiência de uma das grandes possibilidades da cultura moderna, submeteu-a a uma análise teórica aprofundada e dela fez a base da educação pública.

Como estão intimamente ligados a vida, o pensamento e a obra de Humboldt — o que é conforme ao princípio humanista — havemos de compreendê-lo melhor se examinarmos esses três aspectos.

Sua vida e sua obra

Os irmãos Humboldt são de nobreza pomerânica. Guilherme nasceu em 22 de junho de 1767 em Postdam, de pai comandante